

DA MARGINALIDADE À CENTRALIDADE: IDENTIDADE, CONSUMO E MODA PERIFÉRICA ENTRE O RAP E O FUNK

Karen Santos Pereira¹

Anamélia Fontana Valentim²

Resumo: Este artigo investiga a formação da identidade dos jovens periféricos de São Paulo a partir das influências socioculturais do rap, do funk e da moda, buscando discutir o conceito de moda periférica. A pesquisa, de abordagem qualitativa e descritivo-exploratória, fundamenta-se em revisão bibliográfica que inclui obras acadêmicas, reportagens e materiais audiovisuais. O estudo contextualiza a formação histórica da periferia e o papel do rap na construção da consciência periférica; analisa o funk, sobretudo o funk ostentação, relacionando-o ao *habitus* e às dinâmicas de consumo simbólico; e delimita o conceito de “moda periférica”, distinguindo-o da “moda na periferia”. Conclui-se que música e moda atuam como instrumentos de pertencimento e afirmação identitária, reafirmando a periferia como espaço de produção estética e cultural no cenário da moda brasileira.

Palavras-Chave: Moda periférica; Identidade; Funk ostentação;

FROM MARGINALITY TO CENTRALITY: IDENTITY, CONSUMPTION, AND PERIPHERAL FASHION BETWEEN RAP AND FUNK

Abstract: This article investigates the formation of identity among peripheral youth in São Paulo based on the sociocultural influences of rap, funk, and fashion, seeking to construct a concept of peripheral fashion. The research, with a qualitative and descriptive-exploratory approach, is grounded in a literature review that includes academic works, news reports, and audiovisual materials. The study contextualizes the historical formation of the periphery and the role of rap in building peripheral consciousness; analyzes funk, especially *funk ostentação*, relating it to habitus and the dynamics of symbolic consumption; and defines the concept of peripheral fashion, distinguishing it from “fashion in the periphery.” It concludes that music and fashion function as instruments of belonging and identity affirmation, reinforcing the periphery as a space of aesthetic and cultural production within the Brazilian fashion landscape.

Keywords: Peripheral fashion; Identity; *Funk ostentação*.

¹ Graduanda do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda do Instituto Federal de Santa Catarina. karen.sp@aluno.ifsc.edu.br

² Professora Dra orientadora, Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda do Instituto Federal de Santa Catarina. anamelia@ifsc.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo, que integra os requisitos para a obtenção do diploma de Tecnologia em design de moda, foi impulsionado pela experiência da autora como jovem paulistana que cresceu na periferia do Morro Doce, na zona noroeste da cidade de São Paulo. Ao longo de sua trajetória, ela também teve vivências em outras periferias, como Cangaíba e União Vila Nova, vizinhas ao Baile Funk do Pantanal, e se dedicou a entender a construção da identidade dos jovens que habitam essas áreas. Neste contexto, a pesquisa aborda as influências socioculturais provenientes da música, em especial o funk, assim como a moda periférica e o consumo de moda nesse ambiente. Além disso, procura-se levantar questões relacionadas ao preconceito enfrentado por essa população.

Em 2024, o funk foi o gênero musical mais ouvido no Brasil. De acordo com a lista divulgada pelo Spotify, entre os cinco artistas mais escutados no país, três são cantores de funk: MC Ryan SP (2º lugar), MC IG (4º lugar) e MC PH (5º lugar) (Dias, 2024). Entretanto, conforme entrevista publicada na revista *Marie Claire* (2018), ainda persistem restrições sociais e culturais relacionadas a esse gênero. No vestuário, por exemplo, há espaços que proíbem o uso de bermudas e bonés — vestimentas bastante utilizadas na cultura periférica — mesmo em eventos cuja temática seja o baile funk. Essa situação evidencia que, embora o funk tenha alcançado visibilidade em diferentes camadas sociais, o gênero permanece alvo de estigmatização e marginalização (Baltazar,2018).

O estudo se justifica pela possibilidade de ampliar os estudos sobre a moda relacionando-a a temas pouco explorados na academia. A complexidade que constrói a identidade dos jovens periféricos de São Paulo, um grupo frequentemente marginalizado e estigmatizado, cuja cultura e estilo de vida apresentam contribuições relevantes para a cultura de moda brasileira. O crescimento do gênero funk, que se tornou a forma musical mais ouvida no Brasil em 2024 (Dias, 2024), indica uma ascensão cultural que desafia as normas tradicionais e os preconceitos associados à população periférica. No entanto, persiste uma resistência social que se manifesta em curadorias e ambientes que não acolhem as expressões culturais associadas ao funk, revelando um paradoxo entre aceitação e exclusão.

Além de abordar a formação da identidade dos jovens periféricos, seu reconhecimento como sujeito periférico, este estudo visa encontrar parte das influências socioculturais que moldam o comportamento de consumo dessa população, trazendo à tona discussões críticas sobre as dinâmicas de aceitação ou rejeição que impactam suas interações sociais e expressões culturais. Como a identidade dos jovens periféricos de São Paulo é construída a partir das influências socioculturais do rap, do funk, especialmente o funk ostentação, e da moda, e de que maneira esses elementos contribuem para delimitar o conceito de moda periférica?

Para organizar a pesquisa e seus caminhos teóricos elencamos como objetivo geral, investigar a formação da identidade dos jovens periféricos de São Paulo a partir das influências socioculturais do rap, do funk e da moda, buscando delimitar o conceito de moda periférica. O estudo quer contribuir junto a outros autores para uma reflexão crítica sobre a moda, o consumo e sua relação com a periferia, reportando o preconceito enfrentado pela população que vive ali. Para cada objetivo específico, que elencamos a seguir, construímos uma seção e na sequência apresentamos as considerações fruto das percepções e perspectivas que a pesquisa trouxe.

O primeiro objetivo foi contextualizar historicamente e teoricamente a formação da consciência periférica em São Paulo, destacando como a noção de periferia se constituiu a partir de processos urbanos, sociais e políticos. Nesta seção destaca-se especialmente o rap e, em seguida, o funk, que contribuíram para a ressignificação do termo “periferia” e para a construção de identidades coletivas, Raimundo (2017) e Bonduki (2011). Além disso, quais elementos estruturais e simbólicos compõem essa consciência periférica, segundo D’Andrea (2020), preparando o terreno para compreender, posteriormente, a moda periférica como prática política, estética e identitária.

Na seção seguinte, tendo como objetivo mapear historicamente, sociologicamente e culturalmente a trajetória do funk no Brasil e sua chegada a São Paulo, foi necessário identificar como diferentes fases do gênero influenciaram a formação de identidades periféricas, especialmente no contexto da globalização, da ascensão social e do consumo simbólico. Como referencial teórico principal, foi utilizada a autora Christina Fornaciari (2011) e o filme *Funk Ostentação*. A seção também evidencia os processos de estigmatização, criminalização e disputa

simbólica que acompanham o funk, não esquecendo de sua relação com mecanismos de racismo estrutural, apesar deste trabalho não aprofundar esta relação por necessidade de recortes. Ademais, para a definição de conceitos como *identidade* e *habitus*, foram considerados os estudos teóricos de Stuart Hall (2006) e Pierre Bourdieu (2005).

A última seção busca delimitar teoricamente o conceito de moda periférica, diferenciando-o de noções como “moda na periferia”, e demonstrar como esse campo estético se constituiu como expressão cultural autônoma. Para isso, a seção apresenta brevemente as bases sociológicas da moda, explicando sua relação histórica com distinção social e apropriação simbólica (Simmel, 2008) e (Debom, 2018). Ao analisar a trajetória da estética periférica, evidenciando seu deslocamento de estigma para tendência, e problematizando processos de apropriação cultural, como no caso do *Brazil core*, foi possível discutir a inversão simbólica promovida pela moda periférica, demonstrando com exemplos, como sujeitos das periferias tornam-se produtores de estilo e referência cultural. Aqui, sustenta-se a compreensão da moda periférica como ferramenta de identidade, resistência e agência, articulada ao *habitus* e às vivências locais.

Para o desenvolvimento deste artigo, adotou-se uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, fundamentada em pesquisa bibliográfica. Foram consultadas obras acadêmicas, como livros, artigos científicos, teses e monografias dos portais do Capes e SciELO, além de reportagens e produções audiovisuais relacionadas às temáticas de moda, periferia, cultura urbana e funk.

A escolha dessa abordagem visa compreender os processos socioculturais que influenciam a formação identitária de jovens periféricos, descrevendo seus contextos históricos e interpretando os significados atribuídos às práticas estéticas analisadas. A pesquisa bibliográfica permitiu ainda identificar fatores que contribuem para a emergência desses fenômenos (GIL, 2002), oferecendo uma base teórica sólida para a construção do conceito de moda periférica proposto neste trabalho.

2. IDENTIDADES MOLDADAS PELA PERIFERIA: DO RAP AO FUNK

Na década de 1950, o Brasil vivenciou uma intensa migração rural-urbana, especialmente em direção a São Paulo, em busca de emprego. Os arredores da capital começaram a ser ocupados (Raimundo, 2017). O crescimento dos bairros

populares se deu por autoconstrução, loteamentos irregulares e aquisição da casa própria (Bonduki, 2011), marcando o início da definição de “periferia”. Esse aumento populacional suscitou debates sobre o modelo econômico brasileiro e latino-americano, conhecidos como "questões urbanas", relacionadas à migração e à industrialização. A urbanização tornou-se uma questão social urgente, enquanto a política entre 1960 e 1980 reprimia as reivindicações populares sobre as carências infra-estruturais dos bairros pobres. A discussão sobre a periferia, especialmente em São Paulo, ficou restrita a grupos como: a academia, o jornalismo (Clóvis Moura), Movimento Negro Unificado (1978), MDB (Abdias Nascimento), nos partidos de esquerda na clandestinidade e nas associações comunitárias (Elder Sader). Apesar da repressão, a academia desenvolveu pesquisas críticas, denunciando a pobreza como produto do sistema político e econômico, tornando-se pioneira em análises críticas do fenômeno urbano e social da periferia (D’Andrea, 2013; Raimundo, 2017). A periferia foi definida como um território marcado pela pobreza, precariedade e distância do centro.

“Em síntese, nos anos 1980, por mais que o termo periferia fosse conhecido pelos moradores, não possuía a importância e nem era utilizado amplamente como outros. Qualitativamente seu significado era também distinto. Esse rechaço à sua utilização fez com que o discurso preponderante sobre periferia seguisse sendo proferido pelos distintos agentes da academia. O momento da mudança na preponderância ocorreu nos primeiros anos da década de 1990, quando fundamentalmente o movimento hip-hop passou a publicar o termo. Naquele momento, a periferia reivindicou a palavra periferia, começando um processo histórico de modificação de seus significados. Os principais artífices desse processo foram expressões culturais.”(D’Andrea, 2020, p.21).

O grupo de rap Racionais MC’s foi um dos principais agentes responsáveis por resignificar e fortalecer a consciência da população periférica. Em seus discos, o grupo denunciava a desigualdade social, o genocídio da juventude negra, a repressão policial e diversos outros problemas estruturais (D’Andrea, 2020). Um exemplo marcante está na música “*Capítulo 4, versículo 3*”, do álbum *Sobrevivendo no Inferno*, em que logo no primeiro verso já apresenta dados e a seguinte denúncia (Racionais MC's, 1997):

“60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram
violência policial.

A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras.
Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros.
A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo.
Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente.[...]”.

Ao longo de sua trajetória, os Racionais MC's romperam paradigmas ao difundir o rap das periferias paulistas. Em 2017, seu álbum icônico, *Sobrevivendo no Inferno*, foi adaptado para um livro pela Companhia das Letras. Devido à sua relevância para a literatura e a música popular brasileira, a obra passou a ser leitura obrigatória no vestibular da Unicamp em 2020. Reconhecendo sua contribuição social, intelectual, histórica e estética, a Unicamp outorgou aos Racionais MC's o título de Doutor *Honoris Causa*. Durante a cerimônia, a professora Nilma Lino Gomes (2025), da UFMG, ressaltou:

“Os Racionais MC's são mais do que um famoso grupo de rap: são cronistas urbanos, porta-vozes da quebrada, filósofos, educadores sem diploma que transformam a realidade de milhões com suas rimas afiadas e verdades incontestáveis. E, agora, educadores diplomados, como *Honoris Causa*.[...] ampliaram vozes, antes pouco audíveis, de quem sempre foi silenciado.”

Ainda, durante a cerimônia, a diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH), Andreia Galvão, afirmou que a concessão do título de Doutor *Honoris Causa* aos Racionais MC's é histórica por múltiplas razões e ainda salientou que o grupo é composto pelos primeiros intelectuais negros e periféricos a receber tal reconhecimento e que a proposta de homenagem contou não apenas com a iniciativa acadêmica, mas também com a participação ativa do Movimento Estudantil, do Movimento Negro e de servidores do IFCH, reforçando, segundo a própria Galvão, a condição dos Racionais MC's como “intelectuais públicos” (Nunes,2025).

Ao legitimar os Racionais MC's como atores políticos, a população passa a ampliar o conceito de periferia, reconhecendo ali cultura e potência. A partir dos 2005 a 2009, *periferia*, *periférica* e *periférico* começam a ser adjetivos utilizados para além do campo da produção cultural, tornando-se “categorias de representação que se combinam com outras” (D'Andrea, 2020, p.25). No entanto, o autor salienta que mesmo sendo *periferia* um termo válido para se opor-se a outras

regiões da cidade, ele não dá conta das experiências individuais e coletivas internas, nem sempre comuns. Ao mesmo tempo, são das práticas partilhadas que emergem os elementos capazes de produzir práticas políticas. O autor apresenta cinco precondições na formação de sujeitos, sejam populares ou periféricos, em qualquer contexto histórico: 1. Assujeitamento às condições: situações sociais que afetam o indivíduo além de sua vontade; 2. Formação de subjetividades: resultados de relações sociais em contextos geográficos, sociais e históricos, influenciados por experiências de socialização na família, bairro e escola, formando um *habitus* (Bourdieu, 2005) territorial que se conecta com experiências de raça, gênero e classe; 3. Códigos culturais compartilhados: experiências e modos de vida comuns gerando uma linguagem coletiva, em contraponto a linguagens de outros territórios; 4. Consciência de pertencimento: compreensão intelectual de uma posição urbana compartilhada a partir de um território, que não abrange toda a população; 5. Agir político: apoderar-se da própria história e tornar-se sujeito político através da ação em prol do território, processo que também não abrange toda a população.

Trazer para esta pesquisa essa construção da “consciência periférica” (D’Andrea, 2020) é importante pois demonstra como os protagonistas deste lugares, *sujeitas e sujeitos periféricos* são capazes de produzir novas formas de organização política. A música, que relacionamos aos códigos culturais compartilhados, se expressa no rap, no funk, este último como recorte da pesquisa, que será abordado adiante. As questões de raça, classe e gênero entrelaçadas na formação de um *habitus* (Bourdieu, 2005), abordaremos ao trazer à tona questões de preconceito sofridas pelos sujeitos periféricos e refletidas em práticas que condenam à margem elementos culturais que advém dos seus territórios, seja a música ou a moda.

Nesse sentido, a interseccionalidade, conceito formulado por Kimberlé Crenshaw (1989), torna-se fundamental para compreender como raça, classe, gênero e território se articulam simultaneamente na experiência dos jovens periféricos. Essas camadas de opressão não atuam de forma isolada, mas se sobrepõem e produzem desigualdades específicas, como evidenciam os processos de estigmatização, criminalização e controle territorial discutidos ao longo deste capítulo. Aplicar uma perspectiva interseccional ao contexto da periferia paulistana permite compreender por que práticas culturais como o funk, a moda periférica e o consumo simbólico são frequentemente deslegitimados, mesmo quando expressam pertencimento, agência e resistência.

Quanto ao agir político, traremos exemplos de moda na periferia e dos sujeitos que a produzem. Entendemos a moda como uma expressão de resistência e um meio de ação política, onde os sujeitos não apenas refletem suas histórias e contextos, mas também buscam transformar a percepção social sobre suas realidades.

Por fim, é válido ressaltar que, assim como os Racionais MC's, que utilizaram o rap para evidenciar a realidade periférica, outros MC's recorreram ao funk utilizando temáticas semelhantes, revelando que enfrentam o mesmo preconceito e contribuindo para a criação e popularização das identidades periféricas. É importante destacar que o recorte da pesquisa é sobre sujeitos periféricos de São Paulo, onde o rap teve um papel decisivo na construção das identidades periféricas, especialmente em comparação com a periferia do Rio de Janeiro, que é o lugar de origem do funk brasileiro. No entanto, esta pesquisa faz um recorte na trajetória do funk em São Paulo e sua influência na formação das identidades locais.

3. O FUNK: CRESCIMENTO, OSTENTAÇÃO E PROIBIÇÃO

Paralelamente ao surgimento das periferias, o funk chegou ao Rio de Janeiro no final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Conforme Fornaciari (2011), a história do funk é dividida em três gerações principais. A primeira, entre as décadas de 1970 e 1980, foi marcada por músicas em inglês, com forte presença do conceito de negritude e ritmo semelhante ao soul, realizadas em "bailes da pesada" na casa de espetáculos "Canecão", na zona sul. Na mesma década, os bailes migraram para a zona norte, atraindo mais público do subúrbio. A segunda geração, a partir dos anos 80, ocupou novos espaços, tornou-se mais agitada e suas canções começaram a ser escritas em português, refletindo diretamente a realidade das pessoas da periferia do Rio, abordando temas como violência, drogas, pobreza e criminalidade, além de alguns focos no amor (Fornaciari, 2011).

Um dos responsáveis pela nacionalização do funk foi o DJ Marlboro, que produziu, em 1989, o disco Funk Brasil, que ficou nas principais paradas de sucesso das rádios brasileiras. Após isso, surgiram outros grandes nomes como: Cidinho & Doca, Claudinho e Buchecha, Mc Marcinho, a produtora Furacão 2000, e os grupos Gaiola das Popozudas e Os Hawaianos. (Silva,2023). Simultaneamente, ainda na década anos 90, o gênero musical passou a ser criminalizado, ao ser ligado a

arastões e a um assassinato, resultando na proibição dos bailes funk³ (Fornaciari, 2011).

A terceira geração do funk surgiu a partir dos anos 2000, marcada pela pacificação dos bailes, com frequentadores interessados em paquerar e dançar, por mudanças nas composições — “as músicas se tornaram cada vez mais erotizadas e com coreografias sexualizadas” — e por uma maior visibilidade na mídia, alcançando, assim, outras classes sociais (Fornaciari, 2011).

Em 1995, o gênero funk saiu do Rio de Janeiro e chegou a Santos, São Paulo, mantendo características do funk carioca, com letras que abordavam criminalidade, erotização, drogas e sexo — temas mal vistos pela sociedade paulista. Na metade dos anos 2000, o funk alcançou a capital paulista, no bairro Cidade Tiradentes, onde ocorreu um cruzamento com o rap. Isso resultou em uma mudança na escrita das canções, originando uma nova vertente: o funk ostentação.

Adicionamos aqui a influência do Hip Hop norte americano dos anos 90 e 2000 que também foi significativa nesse processo, trazendo elementos visuais e estéticos caracterizados pelo uso de grifes e jóias. Esses cliques contribuíram para a construção de uma nova identidade, onde o consumo e o estilo de vida ligado à ostentação passaram a ser celebrados nas letras e nas produções audiovisuais, ampliando a popularidade do funk entre diferentes classes sociais e solidificando sua presença na cultura urbana. Nas canções, os MCs passaram a falar sobre os sonhos dos sujeitos periféricos, o desejo de levar uma vida glamourosa, cercada de marcas de luxo e de ostentação. O primeiro hit a ser lançado como funk ostentação⁴ foi o "bonde da juju", cantado pela dupla BackDi e Bio G3, onde a letra falava sobre roupas de marca, especificamente da Oakley, e do uso de acessórios variados como: cordão de ouro, óculos juliet e tênis da nike (Toledo, 2021).

[...]Nóis só porta Oakley

É o bonde da Juliet

Tá de Juliet, Romeo 2 e Double Shox

³ “Uma CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito, criada na Assembleia do Rio de Janeiro no final dos anos 90, visava acabar com a violência em grande parte dos bailes. A primeira CPI foi feita em 1995, e investigava a ligação entre o funk e o narcotráfico (tal ligação não foi provada e os bailes foram regulamentados com a ajuda de políticos locais do Rio), mas, posteriormente, muitas outras CPIs foram montadas com finalidades semelhantes.”(FORNACIARI, 2011 p.20)

⁴ Recomendação da autora, filme Funk Ostentação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5V3ZK6jAuNI>

18 K no pescoço, de Ecko e Nike Shox

Tá de Juliet, Romeo 2 e Double Shox

Vale mais de um barão, esse é o bonde da Oakley[...]”(BackDi; Bio G3, 2008).

Essa vertente se popularizou rapidamente pelas periferias paulistas e outras capitais do país, cantores como Lon, Dede, Daleste, Guimê, Rodolfinho, Nego Blue, Menor do Chapa e Kelvino foram grandes nomes que contribuíram para criação dessa nova identidade. Neste ponto propomos uma relação que explique a formação das identidades enquanto imersas na globalização e na digitalização do mundo pós moderno, citada pelo sociólogo Stuart Hall (2006, p.75):

“[...] quanto mais a vida se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas–desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem ‘flutuar livremente’. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha.”

Essa globalização e digitalização nas periferias foram concebidas no processo de ascensão das classes C e D, por meio da distribuição de renda e do acesso à informação de forma acelerada. Nesse cenário, os jovens começaram a observar as conquistas de artistas do funk provenientes de comunidades periféricas, o que alimentou o desejo de adotar hábitos de consumo mais alinhados com os padrões das classes de alta renda. Especialmente no que se refere ao consumo e ostentação de marcas associadas ao luxo, evidenciou-se uma significativa mudança nos comportamentos e nas identidades desses jovens (Moura, 2021). Assim, a busca por um estilo de vida que remete à exclusividade e ao prestígio social tornou-se um fenômeno cultural nas periferias brasileiras.

Para Hall (2006), existem 3 concepções de identidade - sujeito do iluminismo, sociológico e pós-moderno - os dois primeiros constituíam uma identidade estável e unificada, que passa por mudanças tornando-se fragmentado sendo nomeado de sujeito pós-moderno possuindo não só uma como várias identidades, que por muitas vezes são contraditórias.

“A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.”(Hall, 2006 p.13)

Sobre esse panorama, especialmente no que tange ao pensamento que a identidade é representada pelos sistemas culturais que rodeiam o sujeito, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2002) comprova com sua visão, ao afirmar que:

“Os habitus individuais, produtos da socialização, são constituídos em condições sociais específicas, por diferentes sistemas de disposições produzidos em condicionamentos e trajetórias diferentes, em espaços distintos como a família, a escola, o trabalho, os grupos de amigos e/ou a cultura de massa.” (Bourdieu, apud Setton, 2002, p.65)

As estruturas externas moldam as estruturas internas dos sujeitos periféricos, que crescem em um ambiente marcado por desafios. Apesar disso, utilizam e popularizam o rap e o funk, assim como, promovem os estilos e modos de vestir resultantes desta socialização, gerando visibilidade a uma população que historicamente vive à margem. Em muitas dessas canções, principalmente aquelas que foram escritas entre os anos 80 até o início dos anos 2000, formou-se justamente o que chamaremos de *habitus periférico*, pois esses fatores sociais impactam diretamente a subjetividade e a identidade dos moradores.

Nesse sentido, a formação desse *habitus* cultural e estético está diretamente vinculada ao reconhecimento da periferia como uma potência criativa. Primeiro com o rap e, posteriormente, com o funk, os sujeitos periféricos passaram a reconhecer a periferia como uma potência cultural, responsável não apenas pela construção de uma estética própria, mas também pela criação de gêneros musicais que alcançaram reconhecimento mundial. Contudo, historicamente, as classes mais altas têm buscado criminalizar essas expressões culturais — evidenciado, por exemplo, pela proibição da capoeira nos séculos XIX e XX, pela perseguição ao samba, ao rap e ao funk, bem como por iniciativas legislativas voltadas à sua restrição, como o projeto apresentado em 2017 que propunha a criminalização do

funk⁵. Mais recentemente, destaca-se a instauração da CPI dos Pancadões⁶, na cidade de São Paulo, cujo objetivo declarado era investigar a realização dos bailes funk sob a justificativa de perturbação do sossego, muitas vezes associada, de forma generalizante, ao tráfico de drogas e ao crime organizado (Queiroz,2025).

Em síntese, todas as manifestações culturais que emergem das populações historicamente marginalizadas — como o samba e o funk — tendem a ser alvo de processos contínuos de estigmatização e criminalização, fenômeno que se relaciona diretamente com a persistência do racismo estrutural no Brasil. Assim, a repressão a essas expressões não se limita ao campo estético, mas revela disputas políticas mais amplas sobre quem pode produzir cultura, ocupar o espaço público e afirmar sua identidade.

4. MODA NA PERIFERIA OU MODA PERIFÉRICA?

O termo “moda” tem origem no latim *modus*, que significa modo ou maneira. Entretanto, foi entre os séculos XV e XVI, na França, que a palavra passou a ser associada não apenas à forma de fazer algo, mas também ao comportamento e à forma de se vestir. Já no século XVII, na Itália, o termo *modanti*, derivado de *mode*, começou a designar aqueles que seguiam as tendências da moda e cultivavam a elegância, geralmente de inspiração francesa. Assim, a palavra passou a expressar não só as transformações no vestuário das elites, mas também mudanças nas convenções sociais, na decoração, no pensamento e nos costumes (Debom, 2018). Para Georg Simmel (2008, p.24),

“[...]as modas são sempre modas de classe, porque as modas da classe superior se distinguem das da inferior e são abandonadas no instante em que esta última delas se começa a apropriar. Por isso, a moda nada mais é do que uma forma particular entre muitas formas de vida, graças à qual a tendência para a igualização social se une à tendência para a diferença e a diversidade individuais num agir unitário.”

⁵ Matéria disponível em: <https://g1.globo.com/musica/noticia/projeto-de-lei-de-criminalizacao-do-funk-repete-historia-do-samba-da-capoeira-e-do-rap.ghtml>

⁶ Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/cpi-dos-pancadoes-donos-de-bares-e-adeegas-prestam-depoimento>

No contexto brasileiro, essa lógica pode ser observada na trajetória da estética periférica, que, por muito tempo, foi associada à informalidade e ao “mau gosto” pelos padrões dominantes da moda. No entanto, quando elementos dessa estética — como as camisas de time, os bonés, os óculos, os tênis esportivos e os cortes de cabelo — começaram a ganhar visibilidade e a ser incorporados por marcas de luxo e grandes grifes, ocorreu um processo de ressignificação e valorização simbólica⁷ por parte da moda. Esse movimento reflete o mecanismo descrito por Simmel: aquilo que surge nas camadas populares como expressão de identidade e pertencimento é posteriormente apropriado pelas elites e pela indústria da moda como tendência estética. O quadro abaixo demonstra este deslocamento estético, bem como o termo *Brazil Core* revela a lógica das apropriações frequentemente operadas pelo sistema da moda.

Figura 2: Montagem feita pela autora, utilização de camisas de time na periferia x camisa de time na Semana de Moda de Paris



Fonte: Pinterest, Nss Sports

Segundo artigo “Como se vestir de brasileiro virou moda no exterior: *“Brazil core”* da BBC News Brasil (2025) o termo revela a partir de buscas em redes sociais que relaciona-se ao uso de “cores vibrantes, vídeos de moda, fotos de paisagens e símbolos que transitam entre o popular e o estereotípico”. Ao mesmo tempo, estas imagens compartilháveis reúnem muitos dos elementos que têm origem no que se chama de moda de favela, como chinelos Havaianas, estampas tropicais e o uso de

⁷Disponível

<https://stealthelook.com.br/moda-e-futebol-uma-jornada-da-periferia-as-passarelas-e-aos-campos>

em:

acessórios coloridos e vistosos. "Sempre foi uma estética periférica, mas durante muito tempo foi vista como 'cafona', 'coisa de pobre'. Quando a moda global se apropria, transforma em produto valorizado", descreve Thais Farage. Ainda nesta matéria, conclui-se que a tendência conhecida como *Brazil Core* possui duas dimensões. De um lado, ela destaca aspectos culturais e pode incentivar um olhar mais atento e curioso sobre o Brasil, fortalecendo seu *soft power*⁸. Por outro lado, existe o risco de que essa tendência se transforme em uma exportação superficial, baseada em estereótipos e apresentando características de apropriação cultural.

Contudo, esta pesquisa entende que a moda periférica vai além desse ciclo tradicional de apropriação e geração de tendências. Ela representa também uma inversão simbólica, na medida em que sujeitos historicamente marginalizados passam a ocupar o centro da produção cultural e estética. Ao transformar a camisa de time e o visual das quebradas em ícones de estilo, essa moda desafia as hierarquias simbólicas e tensiona a fronteira entre o "popular" e o "refinado". Assim, a partir do pensamento de Simmel, é possível compreender que a moda periférica ligada ao futebol não apenas reproduz a lógica de classe da moda, mas também a subverte, ao reivindicar visibilidade, orgulho e pertencimento a partir de referências historicamente desvalorizadas.

Essa inversão simbólica pode ser observada de maneira concreta em expressões contemporâneas da moda periférica, como no trabalho das artistas Tasha & Tracie. As irmãs gêmeas, originárias da zona norte de São Paulo, são conhecidas por serem representantes da moda periférica contemporânea no Brasil e também como cantoras de rap. Elas transformaram suas vivências na periferia em expressão estética, política e cultural. Por meio de sua marca e projeto *Expensive Shit*, bem como da atuação na música e nas redes sociais, promovem uma estética que valoriza o *streetwear* periférico, reinterpretando símbolos de status e beleza tradicionalmente associados às elites. A proposta das artistas é afirmar a autenticidade e o orgulho de origem, demonstrando que é possível ocupar espaços de prestígio sem romper com as raízes culturais e sociais da quebrada. Assim, Tasha & Tracie se consolidam como ícones de uma moda acessível, inclusiva e

⁸ O *soft power* refere-se à habilidade dos países de influenciar as relações internacionais e aumentar as trocas comerciais por meio da atração de produtos como cinema, música, moda, mídia e turismo. Termo criado em 1990 pelo estadunidense Joseph Nye. Em 2004, ele publicou um livro intitulado "*Soft Power: The Means to Success in World Politics*", onde se aprofundou ainda mais no conceito.

politizada, que ressignifica a identidade negra e periférica, inserindo-a no debate sobre representatividade e poder simbólico no campo da moda⁹.

Desse modo, ao refletir sobre essa inversão simbólica promovida pela moda periférica, é possível identificar em figuras contemporâneas exemplos concretos dessa transformação. A estética apresentada por Tasha & Tracie demonstra como a periferia pode ocupar espaços de prestígio sem perder sua identidade e sem precisar de representantes de fora para garantir visibilidade ou legitimar valor. Elementos como os óculos e as unhas longas ultrapassam o campo da aparência e tornam-se símbolos de resistência cultural. Ao incorporar códigos do *streetwear* periférico em ambientes de visibilidade e reconhecimento, as artistas ressignificam esses símbolos e reafirmam sua autenticidade, ao mesmo tempo em que desafiam as hierarquias simbólicas do *mainstream* (Silva, 2024). A figura abaixo mostra as artistas na premiação internacional BET Hip Hop Awards com elementos associados a periferia como a saia da cyclone, óculos da Oakley e tênis esportivos.

Figura 3: Montagem feita pela autora, Tasha & Tracie na premiação BET Hip Hop Awards



Fonte: Instagram (@tracieokereke)

Como dito anteriormente, as gêmeas se consolidaram como ícones de moda periférica e, recentemente, fizeram parcerias com grandes marcas como Kenner, Renner e Adidas, ampliando sua visibilidade e comprovando a força estética e cultural que representam. Essas colaborações também evidenciam como a moda periférica tem conquistado espaço no mercado, rompendo barreiras e se afirmando como referência criativa dentro e fora das quebradas.

⁹ Essas informações estão disponíveis em uma entrevista das cantoras para a TV Cultura, disponível em: https://cultura.uol.com.br/videos/64846_voce-ja-ouviu-falar-do-projeto-expensive-shit.html

Nessas últimas 2 décadas, observa-se que têm surgido nas periferias de São Paulo diversos projetos sociais e empreendimentos criados pela própria comunidade com o intuito de atender às suas necessidades. Entre eles, destacam-se as iniciativas voltadas à produção de moda, que demonstram uma postura mais autônoma na construção da identidade e da cultura local. Esses projetos buscam desenvolver uma moda acessível e inclusiva, inspirada nas experiências, nos espaços e nas vivências dos moradores, em vez de reproduzir padrões de consumo de outros grupos socioeconômicos (Moura, 2021).

O programa social Cria Costura, criado pelo INMODE, tem o objetivo de capacitar e estimular os moradores a empreenderem na moda, eles ofertam cursos de empreendedorismo, estamparia e *moulage*, ainda em integra os fundamentos da moda circular. Em outubro de 2025, o projeto juntamente com a prefeitura de São Paulo, foram responsáveis por levar os designs para as passarelas do São Paulo Fashion Week (SPFW).

Figura 4: Montagem feita pela autora a partir de imagens do Desfile Cria Costura SPFWN60



Fonte: SPFW

Outro exemplo de um projeto social é o Periferia Inventando Moda (PIM), que foi fundado pelo design Alex Santos em 2014 que está presente na comunidade de Paraisópolis na cidade de São Paulo, também com o objetivo de levar capacitação aos jovens periféricos e torná-la mais acessível e identitária, ademais PIM busca oferecer aos alunos acesso aos códigos característicos da alta-costura e de um grupo socioeconômico específico, permitindo que desenvolvam produtos originais e contribuindo para o protagonismo da periferia e para a democratização da moda (Moura, 2021).

Figura 5: Montagem feita pela autora a partir de imagens das redes sociais do PIM



Fonte: Instagram

A partir do conjunto de reflexões desenvolvidas ao longo deste capítulo, observa-se uma distinção fundamental entre “moda na periferia” e “moda periférica”. A moda na periferia refere-se à forma como as tendências que circulam no mundo chegam às bordas da cidade: trata-se de uma moda que se adapta ao território periférico, mas que geralmente chega de maneira tardia, após já ter sido consumida e legitimada pelas classes mais altas, seguindo o ciclo tradicional da moda. Por outro lado, a moda periférica nasce dentro desse ambiente, e, embora o dicionário defina “periferia” como uma região distante do centro urbano, com pouca estrutura e predominantemente ocupada por população de baixa renda¹⁰, essa distância não impede o surgimento de expressões criativas próprias. Influenciada pelo *habitus* local, a moda periférica consegue superar barreiras históricas e estruturais, criando suas próprias estéticas sem depender de fontes externas de validação. É a própria periferia que afirma seus códigos, práticas e referências como legítimos instrumentos de criação, identidade e poder cultural. Exemplos como a atuação de Tasha & Tracie, bem como iniciativas comunitárias como o Cria Costura e o Periferia Inventando Moda, demonstram que a periferia não é apenas consumidora, mas também produtora de referências que atravessam fronteiras simbólicas e alcançam espaços historicamente restritos. Desse modo, a moda periférica consolida-se como um campo de resistência, afirmação e autonomia, revelando novas formas de

¹⁰ Foi utilizado a definição do dicionário Michaelis, disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/periferia>

pertencimento e abrindo caminhos para uma moda mais democrática, plural e verdadeiramente representativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo delimitar o conceito de moda periférica que contribuísse para compreender a formação da identidade dos jovens periféricos de São Paulo, considerando as influências socioculturais do funk, da moda e dos processos de consumo associados a esses territórios. Assim como indicado na introdução, partiu-se do reconhecimento de que esses jovens enfrentam preconceitos estruturais e simbólicos, apesar da crescente visibilidade cultural de elementos oriundos das periferias — especialmente o funk, que em 2024 tornou-se o gênero musical mais ouvido no país, ainda que continue alvo de estigmatização e tentativas de proibição.

A análise demonstrou que a identidade periférica é construída por meio de um conjunto complexo de referências simbólicas, históricas e culturais. Retomando o percurso desenvolvido na primeira seção, verificou-se que a formação da consciência periférica resulta de transformações urbanas, sociais e políticas que moldaram tanto a experiência cotidiana quanto as formas de expressão desses grupos. A emergência do rap e, posteriormente, do funk, desempenhou papel central nesse processo, ressignificando o termo “periferia” e fortalecendo identidades coletivas (RAIMUNDO, 2017; BONDUKI, 2011; D’ANDREA, 2020).

Os resultados da segunda seção reforçam que o funk — especialmente o funk ostentação — constitui importante ferramenta na construção de um *habitus periférico*, articulando estética, consumo e modos de vida. A partir de Fornaciari (2011), Hall (2006) e Bourdieu (2005), evidenciou-se que a consolidação desse gênero musical como fenômeno cultural contribui para formar imaginários aspiracionais que impactam diretamente a moda e o comportamento de consumo dos jovens. Destacou-se ainda que tais práticas emergem em diálogo com a globalização, as transformações dos mercados de consumo e os limites impostos pela estigmatização e pelo racismo estrutural. Este trecho da pesquisa demonstra

como o funk, especialmente o funk ostentação, contribui para a construção de um *habitus periférico*, articulando estética, consumo, desejos e modos de vida.

No que se refere à moda, o estudo identificou que, historicamente, os jovens periféricos elegem figuras de sucesso como referências simbólicas de ascensão social. Antes da proeminência dos MCs, os jogadores de futebol ocupavam esse lugar, o que ajuda a explicar a presença disseminada de camisetas de futebol nas periferias como forma de expressão estética e projeção aspiracional. Com a ascensão dos artistas do funk, essas referências não se substituem, mas passam a coexistir, ampliando o repertório simbólico e fortalecendo narrativas de mobilidade social e reconhecimento.

A última seção buscou delimitar o conceito de moda periférica, distinguindo-o de “moda na periferia” e demonstrando seu caráter autônomo enquanto expressão cultural. Retomando autores como Simmel (2008) e Debom (2018), foi possível compreender os mecanismos de distinção social que historicamente estruturam o campo da moda, bem como analisar como elementos estéticos oriundos das periferias transitam de estigma a tendência. A partir disso, evidenciou-se que a moda periférica não se resume à adoção tardia de tendências após sua circulação entre as classes altas; ao contrário, ela nasce nos próprios territórios populares, recebe influências externas e as ressignifica de modo criativo, produzindo valor cultural independente de agentes legitimadores hegemônicos.

Assim, o estudo confirma que a moda periférica opera simultaneamente como prática estética, política e identitária, constituindo importante ferramenta de agência e de afirmação simbólica. A criatividade que emerge desses contextos desafia hierarquias tradicionais da moda, problematiza processos de apropriação cultural e evidencia que os sujeitos periféricos não são apenas consumidores, mas produtores de estilo e referências culturais.

Ao relacionar moda, consumo e periferia, esta pesquisa contribui para ampliar debates ainda pouco explorados no campo acadêmico do design de moda. Também aponta para a necessidade de reconhecer as periferias como espaços legítimos de produção cultural, cujas estéticas influenciam a moda brasileira contemporânea e revelam dinâmicas de resistência, pertencimento e transformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACKDI; BIO G3. *Bonde da Juju* [música – videoclipe]. YouTube, 27 jul. 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ELZBox4ZDLU>. Acesso em: 19 out. 2025.

BALTAZAR, Tiago. É incoerente tocar funk na balada, mas proibir bermuda e boné, diz produtora de festa. **Marie Claire**. 19 maio 2018. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2018/05/e-incoerente-tocar-funk-na-balada-mas-proibir-bermuda-e-bone-diz-produtora-de-festa.html>. Acesso em: 14 set. 2025

BONDUKI, Nabil. **Origens Da Habitação Social No Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria**. 6.ed . São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum, Chicago, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

CYMROT, Danilo. **A criminalização do funk sob a perspectiva da teoria crítica**. 2011. 205 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2136/tde-26082016-134709/publico/Danilo_Cymrot_ME. Acesso em: 15 nov. 2025.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. 308 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/en.php>. Acesso em: 19 fev. 2025.

D'ANDREA, Tiaraju. *Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos*. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 19-36, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/whJqBpqmD6Zx6BY54mMjqXQ/?lang=pt>. Acesso em: 19 fev. 2025.

DEBOM, Paulo. Moda: nascimento, conceito e história. **Revista Veredas da História**, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 7-24, 28 dez. 2018. Universidade Federal da Bahia. <http://dx.doi.org/10.9771/rvh.v11i2.47876>.

DIAS, Ana Beatriz. Spotify lança a Retrospectiva 2024; saiba tudo sobre. **CNN Brasil**. 04 dez. 2024. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/spotify-lanca-a-retrospectiva-2024-saiba-tudo-sobre>. Acesso em: 23 set. 20

ERNER, Guillaume. **Sociologia das tendências**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

FORNACIARI, Christina. **FUNK DA GEMA: de apropriação a invenção, por uma estética popular brasileira**. Belo Horizonte: Funarte, 2011. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Fornaciari-Funk_da_gema.pdf. Acesso em: 04 abr. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 18 out. 2025.

GRANCHI, Giulia. Como se vestir de brasileiro virou moda no exterior: 'Brazil core'. **BBC News Brasil**. Londres, p. 1-1. 21 out. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/clyv073d8e3o>. Acesso em: 15 nov. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&A Editora, 2006. 97 p.

MOURA, Danilo Souza; CAMPOS, Anderson Gurgel. Moda e consumo periférico: a construção de identidade social a partir das ações promovidas pelo projeto 'periferia inventando moda' na cidade de São Paulo. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 198–211, 2021. DOI: 10.5965/25944630512021198. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/18162>. Acesso em: 19 fev. 2025.

NUNES, Tote. *Em dia histórico na Unicamp, Racionais recebem título de Doutor Honoris Causa*. **Jornal da Unicamp**, Campinas, 07 mar. 2025. Disponível em: <https://jornal.unicamp.br/noticias/2025/03/07/em-dia-historico-na-unicamp-racionais-mcs-recebem-titulo-de-doutor-honoris-causa>. Acesso em: 16 set. 2025.

QUEIROZ, Guilherme. CPI dos Pancadões pode criar saia-justa para Ricardo Nunes em São Paulo; entenda. **O Globo**. São Paulo, p. 1-1. 26 maio 2025. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2025/05/26/cpi-dos-pancadoes-pode-criar-saia-justa-para-ricardo-nunes-em-sao-paulo-entenda.ghtml?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 13 nov. 2025.

RACIONAIS MC'S. Capítulo 4, versículo 3. In: RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. 1 CD.

RAIMUNDO, Silvia Lopes. **Território, Cultura e Política: Movimento Cultural das Periferias, Resistência e Cidade Desejada**. 2017. 274 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-17042017-104001/pt-br.php>. Acesso em: 14 maio 2025.

SANTOS, Carla Barbosa Dos et al.. **A influência do funk na formação identitária de adolescentes**. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67740>>. Acesso em: 07/10/2025 19:34

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Educação e Pesquisa, **Revista da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v. 20, maio-ago. 2002, p. 60-154.

SILVA, Laísa Pigozzo da. **DA PERIFERIA AO MAINSTREAM: UM ESTUDO SOBRE A APROPRIAÇÃO DOS SENTIDOS DO STREETWEAR PERIFÉRICO NA COLABORAÇÃO ENTRE TASHA & TRACIE E ADIDAS BRASIL**. 2024. 82 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Públicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

SILVA, Laura França Menezes. **ENTRE CONTESTAÇÃO E OSTENTAÇÃO O RAP, O FUNK E O TRAP NO CENÁRIO MUSICAL BRASILEIRO**. 2023. 15 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/bach/wp-content/uploads/sites/537/2024/02/LAURA-FRANÇA-MENEZES-SILVA.pdf>. Acesso em: 30 set. 2025.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Texto e Grafia, 2008. 109 p.

TOLEDO, Rafael. Conheça a história e os pioneiros do funk ostentação que ditou moda em São Paulo. 2021. Disponível em: <https://sobrefunk.com/conheca-a-historia-e-os-pioneiros-do-funk-ostentacao-que-dito-u-moda-em-sao-paulo>. Acesso em: 01 out. 2025.

UNICAMP. *(transmissão ao vivo) Em dia histórico na Unicamp: Racionais MC's recebem título de Doutor Honoris Causa* [vídeo]. YouTube, s.d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8LxAYabRbNc>. Acesso em: 16 set. 2025.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p.116